

MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ENFOQUE NO ENSINO MÉDIO

*Fabiana Franchin*¹

*Selva Maria G. Barreto (O)*²

INTRODUÇÃO

Enquanto aluna do curso de pós-graduação em Educação Física Escolar e atuando como professora eventual (substituta) em escolas da rede estadual de ensino da cidade de Bauru-SP, pude perceber a falta de motivação dos alunos do Ensino Médio em relação às aulas de Educação Física.

Sempre que substituo o professor efetivo, principalmente no Ensino Médio observo com muito interesse o descaso que os alunos tratam a Educação Física, e esta realidade pode ser encontrada em muitas escolas estaduais de Bauru-SP, fato este que despertou-me à iniciativa em pesquisar sobre a realidade das aulas de Educação Física Escolar no Ensino Médio.

Contudo, uma das principais preocupações no que tange aos estudos relacionados à Educação Física é a preocupação com os conteúdos ministrados nas aulas, que podem estar colaborando de maneira geral com a falta de interesse dos alunos diante das aulas de Educação Física.

Sendo assim o propósito deste estudo é pesquisar sobre a (des)motivação dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Médio.

Além disso, é importante verificar tal tema no sentido de identificar estratégias que podem ser utilizadas pelo professor de Educação Física para lidar melhor com essa questão da motivação dos alunos nas aulas.

Para que fosse possível a realização e a concretização deste trabalho, fez-se necessário uma fundamentação teórica a fim de promover uma segura sustentação acerca desse

¹ Professora de Educação Física eventual da Rede Estadual de Ensino de São Paulo e efetiva da Rede Particular de Ensino na cidade de Bauru/SP, e aluna da I Turma do Curso de Especialização em Educação Física Escolar (lato sensu) do DEFMH/UFSCar.

² Professora Assistente do DEFMH/UFSCar e do Curso de Especialização em Educação Física Escolar.

delicado assunto. Infelizmente faz-se oportuno lembrar a dificuldade para se obter material científico específico para essa temática.

Após o levantamento teórico realizei uma pesquisa de campo, ou seja, iniciei um trabalho com a entrega de questionários para os professores de Educação Física e alunos do Ensino Médio, buscando mapear informações pertinentes à motivação deles nas aulas de Educação Física.

Este trabalho foi dividido em subtítulos, os quais será possível apreciar os assuntos percorridos de forma aprofundada.

Essa divisão teve a finalidade de proporcionar um melhor entendimento sobre o tema abordado.

A primeira parte do referido trabalho intitulada de Análise da motivação do ponto de vista educacional caracteriza as definições de motivação e alguns aspectos que a motivação traz aos alunos e aos professores para a aula se tornar interessante. Na segunda parte, discutimos um pouco da Educação Física Escolar no Ensino Médio destacando o que tem motivado e o que tem desmotivado os alunos.

Após os assuntos acima citados, serão encontradas informações sobre a apresentação e análises dos dados obtidos ao longo da pesquisa realizada, destacando-se os motivos que levam os alunos a participarem e a não participarem das aulas de Educação Física.

Nas considerações finais destaca-se que a responsabilidade de ministrar uma boa aula envolve domínios de conhecimentos profissionais e científicos. Os “problemas” decorrentes do cotidiano dos professores e alunos participantes da pesquisa exigem mais do que a simples experiência, engloba principalmente conhecimento teórico e diversidade de conteúdos no caso dos professores. Já no caso dos alunos observa-se a necessidade destes darem mais importância a Educação Física, despertando assim o interesse em aprender conteúdos diversificados, e não apenas os de natureza esportiva.

Espera-se que com a gama de informações reunidas nesse trabalho possa ser possível ao menos vislumbrar a importância da realização de um verdadeiro planejamento que possa contar com a colaboração dos próprios protagonistas que são os alunos.

REVISÃO DE LITERATURA

1. Análise da motivação do ponto de vista educacional

Nesta parte houve uma preocupação no sentido de proporcionar um melhor esclarecimento acerca das diversas definições dadas a motivação, destacando-se algumas áreas do conhecimento e alguns autores que estudam sobre o assunto em questão.

A análise da motivação relacionada com a psicologia é tida como uma força propulsora (desejo) por trás de todas as ações de um organismo, pode-se dizer que é destacada como o sentimento de uma necessidade, ou seja, um conjunto de fatores psicológicos (conscientes ou inconscientes) de ordem fisiológica, intelectual ou afetiva, os quais agem entre si e determinam a conduta de um indivíduo, despertando sua vontade e interesse para uma tarefa ou ação conjunta. A motivação surge de dentro das pessoas, não há como ser imposta. Despertar o interesse para a qualidade é fundamental, uma vez que não se implanta qualidade por exortação, decretos ou quaisquer mecanismos coercivos.

Para Maggil (1984), a motivação é importante para a compreensão da aprendizagem e do desempenho de habilidades motoras, pois tem um papel importante na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento. Sem a presença da motivação, os alunos em aulas de Educação Física, não exercerão as atividades, ou então, farão mal o que for proposto.

Segundo Samulski (1995), citado por Samulski (2002), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).

Para tanto podemos destacar dois tipos de comportamentos e/ou motivações:

- Comportamento Internamente Motivado: são aqueles em que a pessoa dirige-se à atividade voluntariamente, empenhando em sentir-se competente e auto-determinada. Exemplo: o atleta que compete pelo prazer de superar seus próprios recordes e limites.
- Comportamento Externamente Motivado: são aqueles comportamentos em que a pessoa é levada à ação por uma recompensa externa. Exemplo: a criança ou adolescente que pratica alguma modalidade esportiva por imposição de seus pais, para realizar o sonho dos mesmos.

Os motivos intrínsecos são resultantes da própria vontade do indivíduo, enquanto os extrínsecos dependem de fatores externos.

Wintertein (1992) destaca que a teoria da motivação parte do pressuposto de que deve existir alguma coisa que desencadeia uma ação, que lhe dá uma direção, que mantém seu curso rumo a um objetivo e a fineza.

A teoria da motivação para a competência segundo (WEISS & CHAUMETON, 1992) citada por Samulski (2002), explica o processo de interação entre percepção de competência e controle de uma pessoa, e estado atual de motivação. E elucida também que as pessoas são altamente motivadas quando se sentem valorizadas e competentes para executar determinadas tarefas, afirmando que os três componentes que influenciam o nível de motivação atual são a auto-estima, a percepção da própria competência e a percepção de controle. Mas o autor ainda destaca que as sensações não influenciam diretamente o nível de motivação, e sim que a influência ocorre através dos estados emocionais produzidos pelas auto-percepções, como por exemplo, da alegria, da satisfação, da felicidade, do orgulho, da vergonha, etc.

Portanto, do ponto de vista pedagógico, a motivação significa fornecer um motivo, ou seja, estimular o aluno a ter vontade de aprender. E uma das condições indispensáveis para o aluno aprender é o seu nível motivacional, que pode depender muito do professor. Pois como afirma Freire (1996, p.25), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Segundo Oliveira (1978), os estudos relacionados à motivação se conformam pelas concepções de cada escola, ou seja, todos querem conhecer a origem e a intensidade dos motivos e usá-los na educação, dentro da própria vida e, particularmente, dentro da escola. A autora ainda cita que “as mesmas forças que determinam o processo educativo interferem na motivação: bio-psíquicas e sócio-culturais” (OLIVEIRA, 1978, p.20)

Para tanto, é possível dizer que a motivação humana é observada desde a tenra idade sob diferentes formas. Uma dessas formas de motivação pode ser demonstrada pelo sugar de uma mamadeira ou do peito materno, quando a criança através do instinto e da fisiologia que lhe cobra a nutrição realiza a sucção. Com o avançar da idade, existirão novos momentos de se construir a motivação, um deles, por exemplo, está no processo da psicologia infantil, que são competências adquiridas, pois a criança tornando-se competente em seu meio social está sendo levada a motivação.

Vários fatores motivam o ser humano em seu dia-a-dia, tanto de forma interna como de forma externa.

Oliveira (1978) afirma que motivar será provocar as fontes de energia interior do educando para atividades ou aplicações. Motivação de aprendizagem é vitalização do esforço através de estímulos e incentivos adaptados à idade e às experiências do educando; é estabelecimento de conexão entre o educando, sua carga efetiva intelectual, social e a atividade que vai sendo realizada, compreendida, vivida.

A motivação é energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros, ou seja, a motivação deve receber especial atenção e ser mais bem considerada pelas pessoas que mantêm contato com crianças e adolescentes, realçando a importância desta esfera em seu desenvolvimento.

Ainda segundo Oliveira (1978), o fracasso e o sucesso são apontados como fontes de motivação. E os psicólogos acreditam que as pessoas que tem complexo de inferioridade se estimulam mais com os sucessos, e que os bem dotados e seguros se estimulam mais com o possível fracasso ou desaprovação.

Para Freire (1996), o educador não se pode negar o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Para o autor a tarefa do docente não é apenas a de ensinar os conteúdos e sim de ensinar o educando a pensar certo, só assim o educando será capaz de conviver com situações de fracassos e sucessos sem se deixar abater pelos acontecimentos.

A força de cada motivo e seus padrões ocorrem, influenciam e são inferenciados pela maneira de perceber o mundo que cada indivíduo possui.

De acordo com Oliveira (1978), a função da escola é educar através das experiências, é desenvolver a capacidade crítica e criadora do aluno, é informar, formar hábitos e habilidades, é desenvolver atitudes e impulsionar idéias, a escola deve procurar algumas medidas práticas que motivem toda essa aprendizagem.

Assim na relação ensino-aprendizagem, em qualquer ambiente, conteúdo ou momento, a motivação para a tarefa constitui-se um dos elementos centrais para sua execução bem sucedida.

A aprendizagem se dá por fortes incentivadores, tais como as técnicas utilizadas pelo professor, os conteúdos selecionados para atender as necessidades e interesses dos alunos. A

personalidade e a capacidade de comunicação do professor também são muito importante para o ensino-aprendizagem.

A motivação infantil tem lugar de destaque no desenvolvimento de nossa espécie, portanto, ao compreender aspectos da motivação neste período da vida, facilita ao adulto o entendimento sobre que tipo de ajuda poderá oferecer à criança e ao adolescente, desde que haja um compromisso nesta relação. A sua presença é fundamental, pois as crianças e os adolescentes se sentem motivados ao executar muitas tarefas em virtude do reconhecimento e impressões daqueles com quem convive, na tentativa de demonstrar a sua evolução e as conquistas que realizam. Os motivos serão sempre a chave para o desenvolvimento natural dos mesmos, além de grande harmonia entre os elementos internos e externos, parte de nossa própria natureza humana.

Segundo Dassel e Haag (1977), uma motivação convincente – primária ou secundária – é o pressuposto de um compromisso sério por parte do aluno. Faltando motivação necessária, o aluno se sentirá impelido, demonstrando, conseqüentemente pouquíssima disposição para realização de alguma atividade.

Os autores ainda destacam que um exemplo de motivação primária é o entusiasmo com que indivíduos de todas as idades se entregam a qualquer tipo de jogo, e a motivação secundária pode ser descrita como o desejo da melhoria do desempenho individual ou do grupo. Mas é claro que na Educação Física o tipo de motivação varia bastante de acordo com as características individuais, como idade, sexo, constituição física, estágio de desenvolvimento, campo de interesses, fases de desenvolvimento e incentivo do professor.

Já Samulski (2002), destaca que a motivação atual depende da interação entre fatores pessoais e situacionais, ou seja, tudo depende da hierarquia dos motivos, que são diferenciados como níveis, e ainda que no sistema da motivação existem determinantes internos e externos.

Faz-se oportuno salientar que dentro dos determinantes internos destacamos os motivos, os quais são classificados como importantes os considerados primários, sendo os motivos subordinados considerados como secundários.

O primeiro nível é o do organismo, os quais são relacionados os motivos fisiológicos ou vitais. São pertencentes a esse nível os motivos da saúde e os de terem boas capacidades efetivas, tanto físicas como psíquicas. No segundo nível encontramos os motivos que são da personalidade, os quais destacamos os motivos de êxito, de rendimento e de auto-

realização. Já os motivos sociais aparecem no terceiro nível do qual pertence o motivo de reconhecimento social e o motivo do poder. No quarto nível encontramos os motivos éticos e estéticos.

O autor ainda destaca que “para podermos ter um desenvolvimento psicológico, existe a necessidade de satisfazer previamente um determinado motivo, para que outro de importância maior possa dominar” (SAMULSKI 2002, p.109).

Os determinantes externos são determinados pelos fatores externos, classificados como incentivos que segundo Samulski (2002, p. 112), “são entendidos como a antecipação de prêmios como elogio, reconhecimento social e dinheiro, que estão relacionados com o resultado de uma ação”. Outros determinantes externos são as dificuldades e problemas, onde o autor destaca que a dificuldade de uma tarefa determina de forma decisiva o nível de motivação. Pois tarefas muito difíceis ou muito fáceis são desmotivadoras.

De acordo com Machado (1995), o professor no desempenho de sua função, pode moldar o caráter dos jovens e, portanto, deixar marcas de grande significado nos alunos em formação. Ele é responsável por muitos descobrimentos e experiências que podem ser boas ou não. Como facilitador, deve ter conhecimentos suficientes para trabalhar tanto aspectos físicos e motores, como também os componentes sociais, culturais e psicológicos.

Isso significa que, além da capacidade de ensinar conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Fica claro que não se pode transmitir todos esses aspectos descartando o aspecto afetivo – a interação professor-aluno (CUNHA, 1996).

Um dos principais fatores que interferem no comportamento de uma pessoa é, indubitavelmente, a motivação, que influi, com muita propriedade, em todos os tipos de comportamentos, permitindo um maior envolvimento ou uma simples participação em atividades que se relacionem com: aprendizagem, desempenho e atenção.

No tocante à Educação Física, a situação parece semelhante, pois, pode-se dizer que depende muito das aspirações individuais dos alunos para que um determinado elemento motivacional tenha uma função positiva, ou seja, um aluno pode se sentir mais motivado ao praticar basquetebol, e outro pode sentir o mesmo com relação ao voleibol, daí a importância do educador em visualizar o nível de motivação dos alunos e ter sensibilidade para mudanças.

Não obstante, cabe também, uma observação ao educador, em qualquer que seja sua função (técnico, professor, instrutor, dirigente, familiar, etc.) sua personalidade, sua aparência, naturalidade, dinamismo, entusiasmo pelo trabalho, bom humor, cordialidade e disposição são importantes fatores motivacionais observados por quem o cerca.

Além dos fatores motivacionais acima descritos, destaca-se também o período escolar em que o aluno está inserido, dando ênfase ao Ensino Médio, o qual compreende uma faixa etária com peculiaridades e potencialidades a serem observadas e desenvolvidas num ato contínuo ao Ensino Fundamental.

2. A Educação Física no Ensino Médio

O Ensino Médio brasileiro envolve os alunos da faixa etária que compreende os 15 aos 17 anos de idade. Sendo assim, vários fatores devem ser considerados ao tentar-se abordar o assunto, pois várias são as peculiaridades que permeiam estes jovens.

Num momento de grandes descobertas pessoais, ansiedades e expectativas, insere-se a realidade escolar, que visa ao global desenvolvimento desses jovens.

Fala-se muito em amadurecimento e capacitação crítica do aluno frente às realidades sócio-econômico-culturais cotidianas como também em preparo para utilização das ferramentas tecnológicas disponíveis atualmente, bem como em possibilidade de leitura, adaptação e utilização das realidades presentes no meio social a que se pertença (língua pátria, língua estrangeira) dentre muitas outras aspirações a que se atribui como “responsabilidades” do Ensino Médio, o que pode ser apreciado observando-se o disposto no artigo 35 das Leis de Diretrizes e Bases (LDB - Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, BRASIL, 1996, p. 12):

Artigo 35. O Ensino Médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos relacionado à teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Inserir-se a Educação Física neste contexto, ou seja, como uma área possuidora de características próprias, capaz de contribuir para que seja atingido o objetivo das metas propostas na LDB, ou seja, o total desenvolvimento do aluno.

Deve ser considerado o fato de haver a previsão de “metas de desenvolvimento” presentes na LDB, definidas para cada fase do desenvolvimento do aluno, da Educação infantil ao Ensino Médio, para todas as instituições de ensino (provisionadas ou não pelo poder estatal), como pode ser constatado no artigo 205 da Constituição Federal:

A educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL 1996, p.01).

Portanto, como pleno desenvolvimento devemos entender não apenas a questão dos conteúdos ou as suas reduções, importando-se somente em desenvolver as habilidades cognitivas, mas sim em inserir a questão escolar na importante tarefa do desenvolvimento das habilidades sócio-psicológico-afetivas, devendo a escola também incentivar à cultura, às práticas esportivas, à convivência social e a questão do meio ambiente.

No decorrer do Ensino Médio, principalmente em Educação Física espera-se que os alunos desenvolvam algumas competências importantes para o desenvolvimento do cidadão.

Espera-se que os alunos compreendam o funcionamento do organismo humano, a fim de reconhecer e modificar as atividades corporais, usando-as como recurso para melhorar suas aptidões físicas.

Ainda como competências espera-se que os alunos tenham noções conceituais de esforço, intensidade e frequência utilizando-as como auxiliares em suas práticas corporais, além de aprenderem a refletir sobre as informações da cultura corporal, sabendo criticá-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando-as como procedimentos para manutenção ou aquisição da saúde, assumindo assim uma postura ativa e consciente na prática das atividades físicas, além da consciência de sua importância na vida do cidadão.

Neste caso, Guedes (2004, p. 40), sugere uma proposta aos professores de Educação Física:

A de assumirem um novo papel diante da estrutura educacional, procurando adotar em suas estratégias de ensino não mais uma visão exclusivamente de prática esportiva e de

atividades recreativas, mas sim, uma postura pedagógica que possa alcançar metas e objetivos voltados à educação para a saúde.

O autor ainda contribui dizendo que isso poderá acontecer se os professores selecionarem conteúdos diferentes dos esportivos propiciando aos educandos hábitos mais saudáveis, levando-os para a vida adulta.

Vindo ao encontro do mencionado, podemos destacar que no Ensino Médio o que se propõe é a formação geral em oposição à formação específica, onde os alunos desenvolvam as capacidades de pesquisar, de buscar informações, de analisá-las, selecioná-las, ou seja, a capacidade de aprender, de criar, de formular idéias e não apenas o simples exercício de memorização, pois sendo o Ensino Médio etapa final da Educação Básica, deve ter o objetivo de uma educação de caráter geral, unida a uma contemporaneidade, construindo competências básicas que tornem o educando sujeito produtor de conhecimento e participante da sociedade como cidadão ativo.

Nesse contexto, vê-se que a Educação Física possui também previsões específicas a serem desenvolvidas, as quais correlacionam-se não apenas com o desenvolvimento de aptidões desportivas, mas também com o aspecto da percepção do movimento, dos motivos e contextos deste, à questões posturais, à preocupação com a saúde. Enfim, percebe-se que há uma preocupação com a utilização correta dos conhecimentos da Educação Física enquanto área específica, atuante como formadora de conceitos e opiniões para os alunos do Ensino Médio.

Salienta-se que o não desenvolvimento, no Ensino Fundamental e Ensino Médio, de qualquer dos quesitos previstos nos documentos mencionados, poderá levar a uma aversão, e conseqüente evasão, por parte dos alunos, das aulas de Educação Física, caso o professor não ministre conteúdos inseridos à realidade dos educandos, não se preocupando em demasia com a “esportivização” das aulas, pois:

Confrontando, portanto, os objetivos do Ensino Médio com os que se tem no cotidiano da Educação Física nas escolas, deparamo-nos com uma incongruência. Enquanto as demais áreas de estudo dedicam-se a aprofundar os conhecimentos dos alunos, através de metodologias diversificadas, estudos do meio, exposição de vídeos, apreciação de obras de diversos autores, leituras de textos, solução de problemas, discussão de assuntos atuais e concretos, as aulas do “mais atraente” dos componentes limita-se aos já conhecidos fundamentos do esporte e jogo (PCN's, BRASIL, 1999, p.02).

A Educação Física é disciplina que deve ser encarada não como auxiliar, mas como possuidora de características próprias, com um corpo de conhecimento específico, como salienta Betti (1992), a Educação Física deve ir mais além do simples fazer, ou seja, “não basta correr ao redor da quadra, é preciso saber porque se está correndo, como correr, quais os benefícios advindos da corrida, qual intensidade, frequência e duração são recomendáveis” (p.285-286).

É importante destacar Barbosa (1997), quando em suas considerações sobre teoria e prática destaca que “a teoria é um processo interno, abstrato – é o pensamento em si – e a prática é o ato concreto que se pode ver, ouvir, sentir; é quando nosso interior entra em contato com o mundo exterior” (p.20).

Dessa forma, cabe aos professores de Educação Física utilizarem-se dos conhecimentos adquiridos na sua formação acadêmica para diversificar os conteúdos que serão propostos ao Ensino Médio explorando nossa cultura corporal. Com isso, quebrar-se-á a rotina de pura desportivização das aulas. Betti (1998) citado por Ferreira (2003), faz uma observação sobre a prática de um professor de Educação Física escolar considerado bem-sucedido, revelando de um bom profissional, suas características, sua maneira de interagir com os alunos, sua forma de ensinar e a utilização de seus conteúdos deste componente curricular, já que a Educação Física na escola passou a ser entendida como componente curricular.

É preciso enfim levar o aluno a descobrir os motivos para praticar uma atividade física, favorecer o desenvolvimento de atitudes positivas para com a atividade física, levar à aprendizagem de comportamentos adequados na prática de uma atividade física, levar ao conhecimento, compreensão e análise de seu intelecto de todas as informações relacionadas às conquistas materiais e espirituais da cultura física, dirigir sua vontade e sua emoção para a prática e a apreciação do corpo em movimento (BETTI, 1992, p.286).

Inserindo-a assim na contextualização do preceituado nos PCN's e na LDB, ou seja, conscientizando e dando sentido às atividades propostas, aos movimentos, enfim, às aulas propriamente ditas.

Convergindo com esse ideal encontra-se nos PCN's (BRASIL, 1999):

O profissional de Educação Física, durante sua formação acadêmica, adquire inúmeros e diversificados conhecimentos, porém com o comodismo de seu trabalho, o professor não utiliza o que aprendeu, esquecendo do seu potencial, não regatando suas

capacidades e habilidades, ou seja, a aula se torna rotineira e mecânica perdendo a importância dentro do ambiente escolar.

E ainda para Palafox et al (1998) citados por Lorenz e Tibeau (2003), agir na prática educativa negligenciando a utilização de referenciais teóricos significa reproduzir uma consciência intencionalmente conservadora, pois este tipo de prática educacional não conta mais com nenhum tipo de argumentação convincente que a sustente.

Além da importância da utilização dos conhecimentos adquiridos pelos professores de Educação Física no ensino superior, enquanto enriquecedor das aulas no Ensino Médio, uma pesquisa realizada por Lorenz e Tibeau (2003) demonstrou que os alunos, tanto de escolas públicas quanto de escolas particulares, demonstraram interesse pela parte teórica das aulas como meio de subsídio para compreensão do real significado das aulas. Tais resultados convergiram com os resultados das pesquisas realizadas por Rodrigues (1996) e também por Brito (1999) citados por Lorenz e Tibeau (2003), demonstrando o grande interesse dos alunos em buscar conhecimentos teóricos na disciplina.

Pereira e Moreira (2005) também identificaram, em suas investigações, que uma das causas da não ocorrência de participação dos alunos nas aulas de Educação Física (75% das aulas) estava relacionada ao conteúdo desenvolvido, ou seja, o esporte.

Barbosa (1997, p.12), “acredita que a principal meta a ser atingida pela Educação Física Escolar como disciplina do currículo obrigatório, é a formação de pessoas críticas, autônomas e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social”.

Nesse contexto é importante destacar Piletti (1990) citado por Correia (1996), que aponta um posicionamento para a finalidade do Ensino Médio na educação. O autor destaca a formação para o exercício da cidadania, elucidando que esta seria a finalidade básica para este nível de ensino, sendo a condição de cidadão anterior à ocupação ou profissão, levando a crer que o 2º grau deveria ser orientado num sentido de uma formação crítica, onde o jovem cidadão tendo acesso a uma educação de formação abrangente e diversificada, poderá ter melhores condições para exercer os seus direitos e deveres, com níveis de autonomia cada vez mais amplos.

Kamii (1985) citada por Correia (1996), conceitua o significado de autonomia como: “levar em consideração os fatores relevantes para decidir e agir da melhor forma para todos”.

Portanto, é importante destacar que os professores devem estar atentos aos reais interesses de seus alunos, relatando a importância da educação do movimento e educação pelo movimento como parte da cultura física, buscando no próprio aluno o interesse não só pelo esporte, mas por tudo que a Educação Física pode lhe proporcionar, seja pelos aspectos corporais, cognitivos, afetivos, sociais, etc.

Além de destacar algumas características e interesses dos alunos no Ensino Médio, lembramos também da importância em utilizar os PCN's como base para diversificar os conteúdos propostos em aula, enfocando a Educação Física no bem-estar da saúde e trazendo os conteúdos de acordo com a realidade dos mesmos. Para buscar nos alunos as respostas referentes a (des)motivação nas aulas de Educação Física utilizei uma abordagem lógica que será apresentada a seguir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Muitas são as vertentes possíveis numa pesquisa, por isso, é relevante citar quais foram as ferramentas utilizadas para se alcançar a finalidade desse trabalho, visando compreender os fatores que (des)motivam os alunos do Ensino Médio a participarem das aulas de Educação Física.

Primeiramente, houve a necessidade de buscar uma fundamentação teórica de qualidade a fim de proporcionar uma solidez qualitativa do estudo. Esse primeiro ponto mostrou-se de fundamental importância para que fosse possível dimensionar o tema motivação e Educação Física no Ensino Médio.

A pesquisa bibliográfica surgiu com intuito de levantar e analisar a literatura existente sobre o assunto proposto. Pois, segundo Nunes (1996. p.20):

O primeiro passo do pesquisador em seu trabalho é a revisão bibliográfica do tema. Nesta revisão ele opera como o crítico literário que se esmera na construção de um espaço intelectual, espaço este que é ponto de encontro de diversas obras com toda a possibilidade de diálogo entre elas, o que pressupõe o jogo das afinidades e das oposições.

A presente pesquisa tem caráter qualitativo, ancorada num estudo exploratório que segundo Negrine (1999, p. 61):

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupação em generalizar os achados.

O autor ainda afirma que:

Os métodos de investigação qualitativa pressupõem uma abordagem diferenciada também no que se refere aos instrumentos de coleta de informações. Esses devem ser elaborados dentro de outra perspectiva, que não aquela que se serve de modelos matemáticos (NEGRINE 1999, p.62).

O estudo exploratório caracteriza e descreve o problema ou o assunto a pesquisar, os procedimentos a adotar na condução dos estudos, e contribuem no enunciado dos objetivos e das hipóteses e também na busca por maiores informações para consolidar o assunto.

A coleta de dados foi realizada a partir de um questionário com perguntas abertas. Tal coleta foi realizada em duas instituições escolares públicas, com o intuito de analisar sobre porquê a maioria dos alunos do Ensino Médio ficam sentados apenas assistindo as aulas quando sabem que a Educação Física é uma disciplina obrigatória no currículo escolar. Como sou professora eventual (substituta) tive a curiosidade de saber se isso acontece, mesmo quando são os professores efetivos da disciplina dando as aulas.

Participaram do estudo 18 alunos de ambos os sexos, escolhidos aleatoriamente, com idade entre 15 e 18 anos, cursando o 1º, 2º e 3º colegial, atual Ensino Médio e dois professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio e ministram aulas para os alunos da pesquisa. Destes docentes, coincidentemente um é recém formado e o outro é formado há 20 anos.

O questionário aplicado aos professores serviu de base para a análise das respostas dos alunos, onde houve necessidade de uma relação entre as respostas para se obter os resultados da pesquisa.

As questões que serviram de base para a realização dos questionários foram as seguintes:

Questões aplicadas aos alunos foram:

1. O que você acha das aulas de Educação Física?

2. Para você o que significa Educação Física?
3. Você gosta das aulas?
4. É interessante?
5. Você se sente motivado a frequentar as aulas? Por quê?
6. O que você manteria nas aulas de Educação Física?
7. O que mudaria nas aulas de Educação Física?

Questões aplicadas aos professores de Educação Física:

1. Quais conteúdos estão sendo trabalhados nas aulas?
2. Você gosta de dar aulas de Educação Física?
3. Quais as dificuldades encontradas em ministrar os conteúdos programados?
4. Você se sente motivado a dar aulas?
5. Você conta com a participação dos alunos para elaborar seu planejamento?
6. O que você mudaria nas suas aulas?
7. O que você manteria nas aulas?

Para realização da análise dos dados foi necessário apresentar os resultados em forma de categorias com o propósito de facilitar o entendimento dos mesmos.

Essas categorias foram intituladas em razão dos resultados obtidos através da relação feita entre as questões bases do questionário apresentado. Para 1ª categoria utilizei as questões 1 e 2, na 2ª categoria utilizei as questões 3 e 4, para categoria 3 utilizei as questões 5, 6 e 7.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Pretendemos, nesta parte, elucidar os fatores que (Des)motivam os alunos do Ensino Médio a participarem das aulas de Educação Física. Em função dos dados coletados destacam-se elementos como: a) as dificuldades que o professor de Educação Física do Ensino Médio enfrenta para ministrar suas aulas, b) as respostas dos alunos em relação ao que pensam sobre as aulas, os conteúdos e sua motivação pessoal para participar das mesmas; c) a maneira como os professores preparam as aulas, se há ou não participação dos alunos no seu planejamento

e se há relevante participação dos mesmos nas aulas. Diante destes três principais focos de análise, a seguir são apresentadas as categorias resultantes do estudo em questão.

1. O papel da Educação Física no Ensino Médio

As respostas dos alunos foram bem objetivas e diretas, deixando transparecer um olhar simplificado sobre o papel da Educação Física no Ensino Médio.

Para as questões 1 e 2 que serviram de base para essa categoria obtivemos as seguintes respostas:

Questão nº 1

Situações	Nº de alunos
legais/ótimas/boas	13 alunos
As aulas são consideradas como descontração/distração	2 alunos
A aula serve para exercitar o corpo	1 aluno
As aulas são regulares (+ ou -, depende do conteúdo)	2 alunos

Questão nº 2

Situações	Nº de alunos
Desenvolvimento da pessoa, lazer, esporte educativo	7 alunos
Trabalhar corpo e mente	6 alunos
Fazer exercícios	4 aluno
Treinamento físico	1 aluno

A primeira e a segunda questão do questionário proposto tinha como objetivo verificar o que os alunos acham das aulas de Educação Física (EF), bem como o que esta significa para eles. Como resultado, constatou-se que as aulas são legais/ótimas/boas (72,22%), servem para descontração (11,11%), ou ainda que serve para exercitar o corpo (5,55%). Alguns alunos responderam que depende do conteúdo ministrado (11,12%).

No que tange ao significado da EF, de maneira geral obteve-se a correlação com desenvolvimento da pessoa, lazer, esporte educativo (38,88%), a trabalhar o corpo e a mente (33,33%), a fazer exercícios (22,22%) e também uma menção ao significado de treinamento físico (5,57%).

Individualmente pôde-se verificar que:

O aluno 1 diz que as aulas de Educação Física são bem legais porque tem o futebol e que para ele a aula significa a movimentação do corpo humano.

Já o aluno 2 diz que as aulas são ótimas, mas não determina o porquê, dizendo ainda que a Educação Física faz bem ao nosso desenvolvimento.

Para o aluno 3 as aulas são ótimas, e complementa dizendo que para ele a Educação Física significa divertimento.

As aulas são legais porque ajudam os alunos a praticarem exercícios para ficarem mais fortes e melhores. A Educação Física significa desenvolvimento da pessoa, entendimento, lazer, esporte educativo, é o que relata o aluno 4.

No entender do aluno 5 a aula é muito legal e também bem interessante, destacando que a Educação Física é uma aula pra se distrair, fazer exercícios.

Já o aluno 6 diz que a aula traz muitas coisas novas, exercícios diferentes, muito embora ele ressalte que não gosta dessa matéria, para ele a Educação Física significa uma aula para trabalhar o corpo e a mente.

O aluno 7 diz empolgado que vem às aulas de segunda-feira só pra fazer Educação Física que para ele significa saúde.

A Educação Física é importante porque é um meio de se ter um momento de descontração da qual significa educar e ao mesmo tempo divertir, destaca o aluno 8.

Na resposta do aluno 9 ele destaca que acha a Educação Física muito legal, mas só quando tem novas brincadeiras e que a Educação Física significa distração e movimentação do corpo.

Já o aluno 10 acha que as aulas de Educação Física servem para se exercitar e ao mesmo tempo aprender coisas novas e jogos que não sabiam que existiam. Para ele a Educação Física significa fazer exercícios para ganhar, entre outras coisas, saúde.

O aluno 11 diz adorar a Educação Física porque serve pra se exercitar, além de ser muito legal, completa ainda que Educação Física significa movimentação.

Já o sujeito 12 cita que este ano as aulas estão boas, com uma grande diversidade de esportes, afirmando que este ano tem aula de verdade, pois segundo ele nos anos anteriores as aulas eram quase que inexistentes, sem um roteiro e a programação de um professor de Educação

Física. Na concepção deste sujeito a Educação Física significa educação e o trabalho do nosso corpo.

As aulas são mais ou menos legais porque só os meninos que participam e só tem futebol e vôlei, então a Educação Física para mim significa exercícios fora da sala de aula e movimentação do corpo, enfatiza o aluno 13.

O aluno 14 concorda com o aluno 13, dizendo achar as aulas regulares, nem boas e nem ruins, pois o professor só ensina o futebol e o vôlei, então para eles a Educação Física significa uma hora livre das outras matérias.

O aluno 15 acha as aulas importantes, principalmente pra quem não costuma fazer exercícios e contribui dizendo que a Educação Física é uma forma de aprender a se movimentar sem se machucar.

O sujeito 16 acha que as aulas são muito importantes pra ele por ser uma pessoa sedentária, significando educação do corpo, músculos e todo físico.

O sujeito 17 acha que as aulas estão servindo para os alunos descansarem das demais aulas do dia e que para ele a Educação Física significa uma aula de treinamento físico.

Por fim, o aluno 18 acha que as aulas são legais e significam fazer exercícios e realizar jogos, mas acrescenta que não participa das aulas porque prefere ficar conversando.

De acordo com a percepção dos alunos em relação às aulas de Educação Física, o que podemos visualizar é que, a maioria, percebe as aulas como legais, importantes, ótimas e um momento de descansarem das demais aulas, sem deixar claro a importância da Educação Física no processo educacional.

Vale salientar também que os alunos sempre relacionam o significado da Educação Física aos exercícios, ao corpo, à diversão, à descontração, à movimentação e à saúde.

Acredito que essa falta de significado que a Educação Física tem para os alunos vem sendo desenvolvida há tempos, pois a falta de conteúdos teóricos que proporcionem discussões e debates, trabalhando nos alunos a criticidade está bastante defasada, uma vez que os conteúdos ministrados estão sempre voltados para execução dos fundamentos dos esportes. Não que os conteúdos desportivos devam ser excluídos, mas devem ser trabalhados de maneira significativa, sendo utilizados para desenvolver nos alunos, o companheirismo, o respeito às regras, a coordenação de ritmos, respeitando os limites dos amigos, sem preconceito de raça ou sexo. Estimulando os a serem cidadãos críticos, conscientes, éticos, solidários, criativos e

cooperativos. Incentivando-os a pesquisa, a percepção para o corpo e a interdisciplinaridade, sem que haja um objetivo a alcançar, o professor pode levar mesmo os alunos que gostam de esportes a se desinteressarem pelas aulas.

2. A percepção dos alunos sobre a Educação Física

Questão nº 3

Situações	Nº de alunos
Gostam das aulas	14 alunos
Não gostam das aulas	4 alunos

Individualmente: o aluno 1 afirmou gostar das aulas, mas que a mesma só se torna interessante de acordo com o que será proposto.

Os alunos 2,3 e 4 percebem a Educação Física da mesma forma, respondendo objetivamente que gostam das aulas e que são interessantes, sem especificar o porquê.

Para o aluno 5, apesar dele gostar das aulas ele não participa das mesmas, muito embora as aulas sejam interessantes e ensinem a jogar vários esportes.

Ao contrário do aluno 5, o aluno 6 responde que não gosta das aulas, mas participa para garantir sua nota, afirmando que às vezes as aulas são interessantes mas na maioria das vezes não são.

O aluno 7, sempre empolgado, gosta das aulas porque na Educação Física está envolvido o futebol e para ele a Educação Física é muito interessante.

O aluno 8 também respondeu gostar das aulas e que são interessantes porque o permite gastar energia e jogar muito.

Já o aluno 9 elucida que gosta das aulas, porém fica triste quando seus colegas não participam das mesmas. Para ele as aulas são muito interessantes porque é na Educação Física que se aprende diversos jogos e exercícios.

O aluno 10 adora as aulas e acha interessante porque é muito importante para todos, sem especificar o porquê de sua importância.

O aluno 11 gosta muito das aulas e as acha super interessantes porque a vida necessita de esporte.

Já o aluno 12, que se demonstra mais crítico, diz que além de gostar acha que a disciplina é de extrema importância e muito interessante desde que haja um interesse do próprio professor.

O aluno 13 diz gostar das aulas e que não participa sempre, mas acha interessante quando tem algo novo nas aulas.

Gostar mais ou menos, porque quase não participa das aulas, é o que ressalta o aluno 14. Para ele a Educação Física é como qualquer outra aula.

O aluno 15 diz que gosta das aulas porque adora jogar vôlei e fazer exercícios e que as aulas são interessantes porque podem aprender coisas novas.

O aluno 16 não gosta muito das aulas, mas cita que precisa praticar para não morrer atrofiado, destacando que a aula só é interessante dependendo do que vai ser desenvolvido. Afirma que prefere assistir às aulas a realizar o que é proposto pelo professor.

O aluno 17 enfatiza que não gosta das aulas porque não gosta de exercício e nem de esportes, mas que existem algumas aulas interessantes, muito embora não participa delas e fica só assistindo.

A resposta do aluno 18 demonstra o desinteresse pelas aulas, na medida em que prefere ficar “batendo papo” ao invés de participar. Contudo, ele acha as aulas interessantes, mas não participa.

Assim, com relação aos alunos gostarem ou não das aulas de EF, obteve-se como resposta, respectivamente, 77,77% e 22,23%.

De maneira geral o que se pode perceber é que mesmo a maioria dos alunos respondendo que gostam das aulas e que estas são interessantes eles acabam não dando a importância necessária para a Educação Física, pois todos estão presentes nas aulas mas, a grande maioria deles não participa, principalmente no caso das meninas que resistem as aulas até o último momento, participando apenas quando ocorre alguma negociação com o professor ou trata-se de conseguir sua nota para aprovação.

3. (Des)motivação para fazer as aulas de Educação Física

Nesta categoria buscamos identificar se os alunos se sentem motivados a frequentar as aulas de Educação Física, o que eles possivelmente manteriam e o que mudariam nas aulas a fim de proporcionar uma maior participação deles.

As respostas foram contraditórias no sentido de que os alunos se sentem motivados a participarem das aulas, mas muitos deles não participam. Contudo, podemos analisar que a falta de interesse por parte dos alunos pelas aulas de Educação Física no Ensino Médio vem de um crescente que tem início nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, onde ocorre uma falha dos professores em diversificar os conteúdos propostos para elaboração das aulas tendo também a participação efetiva dos alunos.

Questão 5

Situações	Nº de Alunos
1. Motivado, independentemente do conteúdo	5 Alunos
2. Motivado + ou -, Depende da aula	10 Alunos
3. Motivado, mas não participa	1 Aluno
4. Não se sente motivado mas participa	1 Aluno
5. Não se sente motivado e percebe a desmotivação do Profissional	1 Aluno

Questões 6 e 7

Situação: O que manteria nas aulas de EF	Nº de Alunos	O que mudaria nas aulas de EF	Nº de alunos
1. Didática do professor (diversidade de esportes e cultura -jogos, dinâmicas, dança, aulas teóricas etc.)	7 Alunos	Planejamento (acrescentaria dinâmicas alternativas, teoria, alongamentos, diversidade dos esportes etc.)	10 Alunos
2. Futebol	6 Alunos	Nada	8 Alunos
3. Basquete/Volei	5 Alunos		

Individualmente: o aluno 1 especificou que se sente motivado de acordo com o que será proposto na aula, dizendo que se for alguma atividade que não gosta, apenas participa um pouco e depois senta pra assistir, e que se sente motivado se for realizado algum esporte com bola, disse ainda que manteria nas aulas o futebol e mudaria a atitude da professora quando quer dar algum trabalho teórico, porque ele não gosta.

O aluno 2 seguiu o mesmo raciocínio do aluno 1 quando diz que depende da atividade que será proposta na aula, porque se for algo que goste se sentirá motivado, caso

contrário não, afirmou também que manteria nas aulas o voleibol e a dança e mudaria o início das aulas, pois acha importante um alongamento no começo.

Já o aluno 3 afirma que se sente motivado porque a Educação Física ajuda a desenvolver a capacidade. Citou ainda que manteria as aulas do jeito que estão, pois acha tudo ótimo com aulas teóricas, jogos, dinâmicas e outras atividades, portanto não mudaria nada.

O aluno 4 se sente motivado porque pode aprender mais, se comunicar mais com as pessoas que fazem parte da sua equipe e também com os adversários além de arrumar mais amigos. As aulas ele manteria do jeito que esta e mudaria apenas a maneira como algumas pessoas jogam, pois falam muitos palavrões e empurram uns aos outros.

Já o aluno 5 diz que sente motivado porque a aula é muito divertida e também muito legal podendo ajudá-lo em várias coisas, ele conclui suas respostas dizendo que manteria nas aulas um bom basquete, voleibol e também outras coisas que não especificou quais seriam, disse também que não mudaria nada, pois as aulas estão ótimas.

Em relação ao aluno 6 as respostas foram claras quando diz se sentir motivado porque precisa da nota para “passar de ano”, mas diz que manteria a diversidade de atividades que a professora traz e que não mudaria nada porque do jeito que estão sendo realizadas esta bom e ainda elogia a professora dizendo ser excelente e completa destacando que não tem afinidade com a matéria.

Já o aluno 7 afirma estar sempre motivado porque o esporte o deixa motivado e que sem dúvida manteria o futebol e só deixaria o futebol.

O aluno 8 diz que por enquanto se sente motivado mais depende muito do conteúdo a ser trabalhado e completa que é obrigado a participar, o sujeito manteria o futebol e não mudaria nada por enquanto.

Já o aluno 9 afirma que se motiva muito porque a aula é muito legal, mas nem sempre é boa, pois os professores não variam os jogos e continuam sempre nos mesmos, ele ainda acrescenta que manteria o futebol e acrescentaria exercícios, vôlei e handebol, ainda completa dizendo que mudaria os jogos pois ficam sempre no futebol e no basquete e nunca jogam vôlei ou outros jogos.

O aluno 10 se sente motivado porque a professora incentiva os alunos a participarem das aulas, ele manteria os jogos diversificados e as brincadeiras interativas e não mudaria nada.

O aluno 11 sente-se motivado porque gosta de todos os esportes, mas manteria o voleibol e não mudaria nada.

Já o aluno 12 sente-se muito motivado porque segundo a sua opinião a professora apresentou a melhor programação de aula até hoje, além de incentivar muito os alunos, sujeito ainda afirma que manteria a diversidade de esportes e a cultura, mas mudaria nas acrescentando mais dinâmicas interativas.

O aluno 13 respondeu que só se sente motivado quando as aulas são diferentes, porque são sempre as mesmas aulas, completando ele diz que manteria o alongamento, mas mudaria o planejamento, colocando aulas diferentes.

Já o aluno 14 foi claro em dizer que não se sente motivado, não participa das aulas porque não gosta de jogar vôlei e muito menos futebol, acrescenta dizendo que manteria apenas a forma como o professor ensina o esporte, o resto mudaria tudo porque o professor só ensina o voleibol e o futebol.

O aluno 15 se sente motivado e destaca que só não faz as aulas quem não quer, o sujeito manteria a ginástica e o vôlei e mudaria a “folga” dos meninos que só querem jogar futebol.

O aluno 16 diz que nem sempre se sente motivado, pois acha que faltam opções principalmente pra quem não gosta de jogos e esportes, nas aulas o sujeito manteria a ginástica e mudaria a falta de opções.

Já o aluno 17 não se sente motivado porque não gosta da Educação Física e também porque não há motivação dos profissionais, ele manteria as aulas teóricas e o rádio para escutar música, mas não mudaria nada nas aulas porque não participa das mesmas.

O aluno 18 é direto em responder que não se sente motivado porque não gosta de jogar nada, então completa dizendo que manteria tudo e não mudaria nada porque não participa das aulas e acha que não tem o direito de interferir no que os outros alunos gostam.

Assim, pela análise das tabelas apresentadas, pode-se chegar a resultados no mínimo alarmantes. Contudo esse espanto deve-se em grande parte por descobrir-se que a triste realidade encontrada em décadas passadas nas aulas de Educação Física ainda faz parte do cotidiano encontrado nas escolas, no que tange a inserção da desportivização das aulas. Nesse sentido sabe-se que:

A principal característica da Educação Física, enquanto ramo pedagógico, é o *movimento*, o que a distingue dos demais componentes curriculares (Oliveira, 1985). Enquanto disciplina acadêmica, o seu objeto de estudo é o movimento humano. Na visão filosófico-ideológica, contudo, a Educação Física tem por objeto o “homem em desenvolvimento”, e “uma ação educativa, científica e comprometida politicamente (Feitosa et al, 1986, p. 2 citados por BETTI, 1991, p.137).

A aprendizagem se dá por fortes incentivadores como as técnicas utilizadas pelo professor, os conteúdos selecionados para atender as necessidades e interesses dos alunos e a personalidade e comunicação do professor também são muito importante para o ensino-aprendizagem, sendo assim cabe ao professor motivar seus alunos e estar atento ao que realmente interessa aos mesmos.

Com relação ao primeiro resultado obtido, às respostas indicam que 26,66% dos alunos são possuidores de afinidades com a matéria em questão. Porém deve-se questionar quais os conteúdos apreciados por aqueles alunos. Será que estão inseridos no conjunto de alunos praticantes e amantes de “um bom futebol” nas aulas, ou qualquer outra modalidade desportiva? Ou será que passaram a gostar da Educação Física devido a inovações no conteúdo das aulas, que começaram a apresentar partes teóricas capazes de fortalecerem a formação global de cada aluno?

O resultado obtido no número 2 faz parte do grupo de alunos que gostam, porém não se sentem motivados a participar, dependendo do conteúdo da aula (56,66%). Essa afirmação vem ao encontro de que os alunos gostam de conhecer novas atividades, motivando-se a participarem da aula. O verbo “jogar” apareceu inúmeras vezes nesse contexto, ficando claro que o fato de apenas “jogar” serve como fator desmotivante para se participar das aulas de Educação Física.

No entanto, pode-se dizer que depende muito das aspirações dos alunos para que um determinado elemento motivacional tenha uma função positiva, ou seja, um aluno pode se sentir mais motivado ao praticar basquetebol, e outro pode sentir o mesmo com relação ao voleibol, daí a importância do educador em visualizar o nível de motivação dos alunos e ter sensibilidade para mudanças.

Saliente-se que não há a pretensão de afirmar nesse trabalho que as modalidades desportivas não possam contribuir para a formação do aluno, pois:

Contudo, introduzir a iniciação ao esporte de competição nos programas escolares não significa aceitar para a escola a missão de produzir atletas que assegurem o prestígio esportivo nacional. Este é um efeito secundário que precisa ser considerado, mas o

objetivo principal é o de estender a todos uma gama tão extensa quanto possível de atividades formativas. “Se admitimos a competição” – prossegue Belbenoit – “é porque lhe teremos reconhecido virtudes educativas (citado por BETTI, 1991, p. 54).

E ainda:

Mais ainda, o esporte deve ser introduzido na escola, não somente por suas virtudes educativas, mas porque muitas pessoas praticam alguma atividade esportiva durante suas vidas, e devem ser ensinadas a praticá-la bem para dela tirarem satisfação e proveito. Mesmo aqueles que ao sair da escola tornam-se apenas consumidores passivos do esporte, devem aprender a assumir uma posição crítica diante do fenômeno esportivo (BETTI, 1991, p.55-56).

Finalizando os comentários acerca do “esporte” em demasia nas aulas de Educação Física percebe-se que:

À luz da literatura disponível, não é difícil definir o objetivo da Educação Física na Escola, incluindo o esporte como um de seus conteúdos: introduzir o aluno no universo cultural das atividades físicas, de modo a prepara-lo para delas usufruir durante toda sua vida – “passar da esfera do dever à esfera dos costumes”, nas palavras de (DEMEL, 1978, p.56 citado por BETTI, 1991, p. 58). Deve-se ensinar o basquetebol, o vôleibol (a dança, a ginástica, o jogo...) visando não apenas o aluno *presente*, mas o cidadão *futuro*, que vai partilhar, produzir, e transformar as formas culturais da atividade física. Por isso, na Educação Física Escolar, o esporte não deve restringir-se a um “fazer” mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas tornar-se um “compreender”, um “incorporar”, um “aprender” atitudes, habilidades e conhecimentos, que levem o aluno a dominar os valores e padrões da cultura esportiva (BETTI, 1991, p. 58).

O resultado contido no número 3 (5,56%) pode ser interpretado enfatizando-se algumas possibilidades, questionando-se: Será que não se sente motivado devido à falta de opção encontrada nas aulas, tanto atuais como as de anos anteriores? Se depende da aula, será que às vezes algum professor (substituto?!) apresenta novas realidades e conteúdos para os alunos, como dinâmicas, jogos, dança, motivando-os à participação na aula, ou o docente responsável por aquela turma, às vezes toma tal postura? Enfim, o que se deve ter em mente é o fato de que:

A Educação Física deve contribuir para a construção de uma sociedade “qualitativa”, que se opõe à sociedade “quantitativa” em que vivemos, consumista, utilitarista, competitiva e massificada, abrangendo os seguintes objetivos: promoção de idéias, estímulo ao pensamento crítico, desenvolvimento da criatividade e da introspecção, e colocando o indivíduo como centro de promoção social (Gaelzer, 1985, citado por BETTI, 1991, p. 129).

Foi possível identificar também que um aluno não se sente motivado, porém participa da aula devido a preocupação única e exclusiva com a nota (número 4 – 5,56%).

Infelizmente, dentre os resultados obtidos constata-se uma afirmação que foi embasada na observação do aluno, qual seja a de que não há uma motivação do profissional (número 5 da Tabela, 5.56%). Tal colocação mostra-se, entretanto, dúbia, pois se pode perguntar: o profissional não motiva o aluno a praticar a aula trazendo novos conteúdos etc. ou, o profissional sente-se desmotivado nas aulas, passando essa clara impressão ao aluno, vindo também a desmotivá-lo?

Cabe também uma observação ao educador, em qualquer que seja a sua função, as suas características, tais como personalidade, aparência, naturalidade, dinamismo, entusiasmo pelo trabalho, bom humor, cordialidade, disposição, são importantes fatores motivacionais observados por quem os cerca, ou seja, os alunos estão sempre observando o professor como um todo.

Os resultados confirmam o que Gruppi (1998) citado por Lorenz e Tibeau (2003), faz quando diz sobre a perda do significado das aulas de Educação Física no Ensino Médio, as aulas são percebidas apenas como prática específica da atividade esportiva, quando não apenas como aulas de atividades recreativas e de lazer.

Além da colaboração dos alunos para realização da pesquisa, dois professores também colaboraram com o presente trabalho respondendo a sete questões elaboradas com o propósito de buscar informações sobre os conteúdos que trabalham nas aulas, se estes gostam de dar aulas, se existem dificuldades em ministrar suas aulas, se eles se sentem motivados a dar aulas, se eles mudariam alguma coisa em suas aulas e o que manteriam.

O professor 1, recém formado, tem novas perspectivas e está buscando trazer conteúdos diferenciados e novos, com novas propostas para realização das aulas, já o professor 2, formado há 20 anos, de acordo com a análise das respostas obtidas no questionário, continua trabalhando nos moldes da Educação Física voltada somente para as práticas desportivas, sem se preocupar com a grande contribuição que a Educação Física pode dar ao futuro desses jovens enquanto cidadãos participantes ativos da nossa sociedade.

Em relação à questão envolvendo os conteúdos trabalhados, os professores manifestaram o interesse de cada um deles na preocupação sobre seu planejamento.

O professor 1 respondeu dizendo que está trabalhando conteúdos que julga importante e com os quais os alunos pediram, citando os esportes coletivos, em especial futebol e voleibol, também a dança, jogos, jogos de salão como baralho, jogos de tabuleiro, a questão da mídia, competição, violência, dando ênfase também a saúde com trabalhos sobre alimentação, atividades físicas, benefícios dos esportes, mudanças no organismo, esteróides, etc. Já o professor 2 citou como conteúdo o alongamento, o aquecimento com brincadeiras, recreação com bolas e sem bolas. Nota-se então a diferença e o interesse dos professores em elaborar suas aulas com a preocupação voltada para os interesses dos alunos.

Vale lembrar que um professor entusiasmado e motivado a dar suas aulas leva seus alunos a se motivarem também participando efetivamente das mesmas, dando mais importância ao que realmente a Educação Física tem de interessante e importante a oferecer.

O professor 1 diz adorar dar aulas porque sempre foi o seu objetivo enquanto estudante, e ainda cita que quando se trabalha em cima de planejamento é muito mais fácil de dar certo, mas afirma, há dias que nem tudo dá certo, dando vontade de desistir. Em seguida o professor responde que a cada conquista é reforçado o desejo de continuar, e que no Ensino Médio isso não é diferente, porque como este afirma, os alunos estão descobrindo a Educação Física e isto é muito gratificante. Já o professor 2 infelizmente está fora da realidade da Educação Física, porque responde que como já foi um jogador profissional de futebol, então pretende ensinar tudo que um dia aprendeu enquanto jogador e não como educador, denotando com isso a extrema preocupação com o desporto pelo desporto.

Ainda em relação à (des)motivação, o professor 1 diz que se sente motivado a dar aulas, porque gosta da Educação Física e sua motivação vem das pequenas coisas que consegue realizar, sejam elas por pequenos resultados ou não, por isso procura estar a par de todas as novidades e novas técnicas, a fim de garantir sempre algo novo no conteúdo programado. Já o professor 2 afirma que mesmo o salário não sendo bom, ele se sente motivado porque quer passar aos alunos tudo que aprendeu.

O professor 1 com todo seu entusiasmo de um professor recém formado e que gosta do que faz, diz que mudaria, ou seja, acrescentaria nas suas aulas alguns conteúdos diferentes como trabalhar com skate, (se soubesse andar), trabalhar a capoeira sem precisar de monitores de fora da escola, citando que gostaria de ter mais vivências para demonstrar pessoalmente e ter técnicas suficientes para a realização das aulas, além de diminuir seu número

de aulas para elaborá-las melhor, diz ainda que manteria em suas aulas o seu “gás” e o jeito com que trata seus alunos, e elucida dizendo que gostaria de manter sempre essa idade porque facilitaria sempre sua relação com eles. Em relação aos conteúdos manteria os jogos. O professor 2 citou simplesmente a questão da vestimenta, mudando somente o traje que os alunos freqüentam as aulas, gostaria que viessem com traje adequado como: bermuda ou shorts, camiseta e tênis. O professor manteria as brincadeiras e os jogos.

“As dificuldades que encontramos são muitas, mas a vontade de vencer vale a pena, quando queremos acreditar que um dia tudo pode melhorar” afirma o professor 1, dizendo que nem sempre o que se planeja dá certo, pois às vezes não é a maneira ideal e nem o momento certo para o que planejamos. Cita ainda que a maior dificuldade é a resistência dos alunos devido à falta de costume em participar das aulas de Educação Física planejadas, pois algumas turmas não têm nem interesse em freqüentar as aulas, mas toleram a Educação Física por poderem se soltar e se rebelar, desde que os conteúdos sejam do interesse deles. O professor 1 ainda explica que em função do que gostam acaba fazendo algumas alterações trabalhando outros conteúdos relacionados, além de acontecer muitos acordos entre professores e alunos, ou seja, o professor ministra suas aulas, mas combina com os alunos, uma aula o professor realiza o que planejou, na outra os alunos propõem os conteúdos, até que os alunos se adaptem aos novos conteúdos propostos. Já o professor 2 diz que as dificuldades encontradas estão relacionadas à vontade dos alunos para participar das aulas e realizar o que o professor propõe.

Na questão do planejamento o professor 1 cita que conta com a colaboração de todas as suas turmas para planejar suas aulas, só que infelizmente isso não funciona para algumas turmas, porque participam do planejamento mas na hora das aulas não querem participar, onde acaba ocorrendo o acordo entre as partes, o professor propõe o conteúdo e as opções, e os alunos se organizam, depois do conteúdo dado eles realizam o que querem. O professor cita que nas turmas “boas” o planejamento é seguido com muito sucesso, nas turmas “ruins” nem sempre consegue por em prática o que planejou. Já o professor 2 talvez sem compreender direito a pergunta respondeu que algumas classes gostam de participar de tudo e outras não gostam.

Os resultados obtidos demonstraram que o professor 1 busca atender aos interesses de seus alunos, contando com a participação dos mesmos para elaboração de seu planejamento.

As respostas se contradizem quando os alunos dizem se sentirem motivados, mas não participam das aulas, ocorrendo uma relação direta com os conteúdos propostos pelos

professores. Se forem oferecidos conteúdos que julgam interessantes, se sentem motivados e participam da aula, se julgarem desinteressantes não participam das mesmas.

No entanto, é nítido que o envolvimento e o empenho do professor em trazer uma diversidade de conteúdos e atividades vem contribuir diretamente com a motivação dos alunos na participação das aulas.

Nota-se com muita nitidez a falta de empenho e de participação dos alunos do professor 2 diante do planejamento de suas aulas, deixando transparecer que não busca novidades e nem tampouco trabalha conteúdos que venham a contribuir com o desenvolvimento global dos mesmos. Já com relação ao trabalho desenvolvido pelo professor 1 observa-se uma preocupação maior no que tange ao desenvolvimento dos conteúdos, havendo uma integração destes com a opinião de seus alunos tentando, da melhor forma possível, contribuir com a aprendizagem dos mesmos.

Sendo assim, indaga-se se existe correlação entre o desinteresse do profissional da área devido a este não “enxergar” perspectivas para desenvolver um conteúdo programático ao reconhecer que os alunos de Ensino Médio não possuem capacidades desenvolvidas para tanto e desanima-se com a realidade encontrada? E a questão salarial, será que influencia na motivação do profissional da área?

É evidente que o “amor à causa”, ou seja, o interesse pelo ensino deve ser o guia mestre de todos aqueles que se enveredam pelos caminhos da docência, pois somente com tal sentimento poderemos dar um início e/ou continuidade no processo de formação dos alunos, visando sempre o real desenvolvimento destes futuros cidadãos, que carregarão consigo os valores e conhecimentos desenvolvidos nesta importante fase de suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assunto que tive a oportunidade de desenvolver através desta pesquisa, mostrou-se de grande importância, pois este assunto aborda um tema de impacto direto na realidade dos professores e alunos do Ensino Médio.

Uma vez objetivado qual seria o assunto deste trabalho, houve a preocupação em buscar uma sólida fundamentação teórica capaz de dar sustentação às argumentações nele apresentadas. Nessa fase de aprofundamento teórico ficou ainda mais evidente a necessidade de haver um apurado conhecimento teórico/pedagógico do professor sobre a Educação Física

enquanto área de conhecimento. A existência de diversos autores, com métodos diferenciados, bem como a co-relação de outras áreas do conhecimento com a disciplina de Educação Física mostra-nos a gama de informações que envolvem o assunto. Estar subsidiado destas informações significa possuir recursos profissionais para que se possa lidar com situações adversas que venham a surgir em decorrência natural do trabalho.

A pesquisa realizada através dos questionários com os alunos e professores de Educação Física do Ensino Médio veio a ratificar o que a fundamentação teórica já havia indicado, ou seja, é preciso conhecimento no âmbito geral da área da Educação Física para que os professores tenham condições mínimas para oferecer um bom ensino, pois o professor como mediador, facilitador e transmissor de conhecimentos nas aulas é o principal responsável por mostrar tudo que a Educação Física pode oferecer e ajudar na construção de conhecimentos aos seus alunos, tornando as aulas mais interessantes e motivantes.

Percebeu-se que o conhecimento advindo apenas das práticas desportivas que os alunos possuem sobre a disciplina Educação Física não é premissa indispensável e nem tampouco substitutiva do conhecimento teórico que a disciplina possui. Várias foram as respostas quando se perguntou o significado da Educação Física, pois os alunos de maneira geral e simplificada relacionaram a Educação Física apenas ao movimento humano, ao lazer, distração, divertimento sempre pensando na parte física, e essas respostas vieram afirmar que os alunos são desinteressados pelas aulas, a não ser que se proponha conteúdos voltados aos seus interesses.

Ficou evidente a diferença entre os dois professores pelo interesse e motivação de ambos em planejar as aulas, trazer novos conteúdos, discutir assuntos do interesse dos alunos e principalmente ministrar essas aulas. Pois a responsabilidade de ministrar uma boa aula, envolve domínios de conhecimentos práticos e científicos. Os “problemas” e as dificuldades decorrentes do cotidiano dos professores (dúvidas dos alunos, desmotivações, teimosias em não participar das aulas) exigem mais do que a simples atitude de sair de casa para dar aula. Exige a necessidade de se conhecer e buscar conhecer seus alunos, a fim de propiciar-lhes o que de melhor possa oferecer.

Verificou-se também que os alunos foram contraditórios em suas respostas dizendo se sentirem motivados e mesmo assim não participam das aulas. Sendo assim é importante destacar que os mais motivados são os alunos que gostam de esportes e são efetivamente mais ativos no seu dia-a-dia. A aparente falta de interesse dos alunos diante das

aulas é devido à resistência que têm sobre o que se propõe de novo, pois já vem de uma Educação Física esportivista pautada na valorização da performance e despreziosa, sem objetivos claros em relação à formação do jovem crítico e construtivo. No entanto, pudemos enxergar esse desinteresse quando o professor 1 citou que muitas vezes tem que fazer acordos com os alunos para poder realizar o que planejou.

Com vistas a uma educação para autonomia, para a reflexão crítica e para construção do saber, o importante é que os próprios professores de Educação Física não se limitem apenas ao caráter desportivo da Educação Física, ou seja, o jogo pelo jogo sem fundamentação e sim que tratem a Educação Física como realmente uma área do conhecimento que possui uma especificidade: o movimento humano consciente. E para isso é preciso que a prática seja realizada com embasamento teórico, sem perder suas características.

Essa situação deve ser superada urgentemente e, para isso, deve haver um compromisso dos professores para conscientização dos alunos de que a Educação Física é mais do que ela vem demonstrando e uma das estratégias que pode ser usada é a participação dos alunos na elaboração do planejamento.

Conclui-se que se os professores começarem a ficar atentos aos reais interesses que os alunos tem diante dos conteúdos programados nas aulas de Educação Física, essa realidade será mudada e as aulas no Ensino Médio se tornarão mais atrativas e motivantes aos alunos e professores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. L. *Educação Física Escolar da alienação à libertação*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMT, 1999. Disponível em: <http://www.ucb.br/edfísica/cef/pcnhtml.htm>. Acesso em: 20 mai. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e tecnológica. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://grad.unifesp.br/alunos/cg/ldb/LDB.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e tecnológica. *A Constituição Federal*. Disponível em : <http://www.ucb.br/fef/downloads/ronaldo/ldb>. Acesso em: 20 mai. 2006.

BETTI, M. *Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê?* Rev. Brasileira de Ciências do Esporte, 13 (2), p. 282-287, 1992.

BETTI, M. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

CORREIA, W. R. *Planejamento participativo e o ensino da Educação Física no 2º grau*. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl. 2, p.43-48, 1996.

CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. 6 ed. Campinas: Papirus, 1996.

DASSEL, H.; HAAG, H. *Circuitos de ginástica escolar*. Tradução de Karin Alexandra Ziihlsdorff. Rio de Janeiro: Beta Ltda, 1977.

DEFINIÇÕES DE MOTIVAÇÃO. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/per09a.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2006.

FERREIRA, L. A. *História de vida, casos de ensino e diários de aula: despertando reflexões metodológicas na formação de professores em Educação Física escolar*. In: Congresso Internacional de Educação Física, 3, 2003, Rio Claro.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUEDES, D. P. *Fundamentos e princípios pedagógicos da Educação Física: uma perspectiva no campo da educação para a saúde*. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. M. (orgs). *Pedagogia cidadã: cadernos de formação: Educação Física*. São Paulo: UNESP/Pró-reitoria de Graduação, 2004, p.33-42.

LORENZ, C. F.; TIBEAU, C. *Educação Física no Ensino Médio: estudo exploratório sobre conteúdos teóricos*. Revista digital, Buenos Aires, ano 9, n. 66, 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd66/medio.htm>. Acesso em: 12 de abril de 2006.

MACHADO, A. A. *Interação: um problema educacional*. In: DE LUCCA, E. *Psicologia educacional na sala de aula*. Jundiaí: Litearte, 1995.

MAGGIL, R. A. *A aprendizagem motora: conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgard Blucher, 1984.

NEGRINE, A. *Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa*. In: TRIVINOS, A. N. S.; NETO, M. V. (Org.) *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/SULINA, 1999. p.61-93.

NUNES, C. *Os desafios da pesquisa histórica*. In: Encontro nacional de historia do esporte, lazer e Educação Física. 4, 1996, Belo Horizonte: Escola de Educação Física da UFMG. Coletânea. Belo Horizonte: Escola de Educação física da UFMG, 1996. p.19-28.

OLIVEIRA, A. L. *Nova Didática*. 4.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: FENAME, 1978.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. *A participação dos alunos de Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações*. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v.16, n.2, p.121-127, 2005.

SAMULSKI, D. M. *Psicologia do esporte*. 1ª edição brasileira. Barueri: SP. Ed. Manole Ltda, 2002.

WINTERSTEIN, P. J. *Motivação, Educação Física e Esporte*. Revista Paulista de Educação Física, 6 (1): 53-61, jan/jun, 1992.